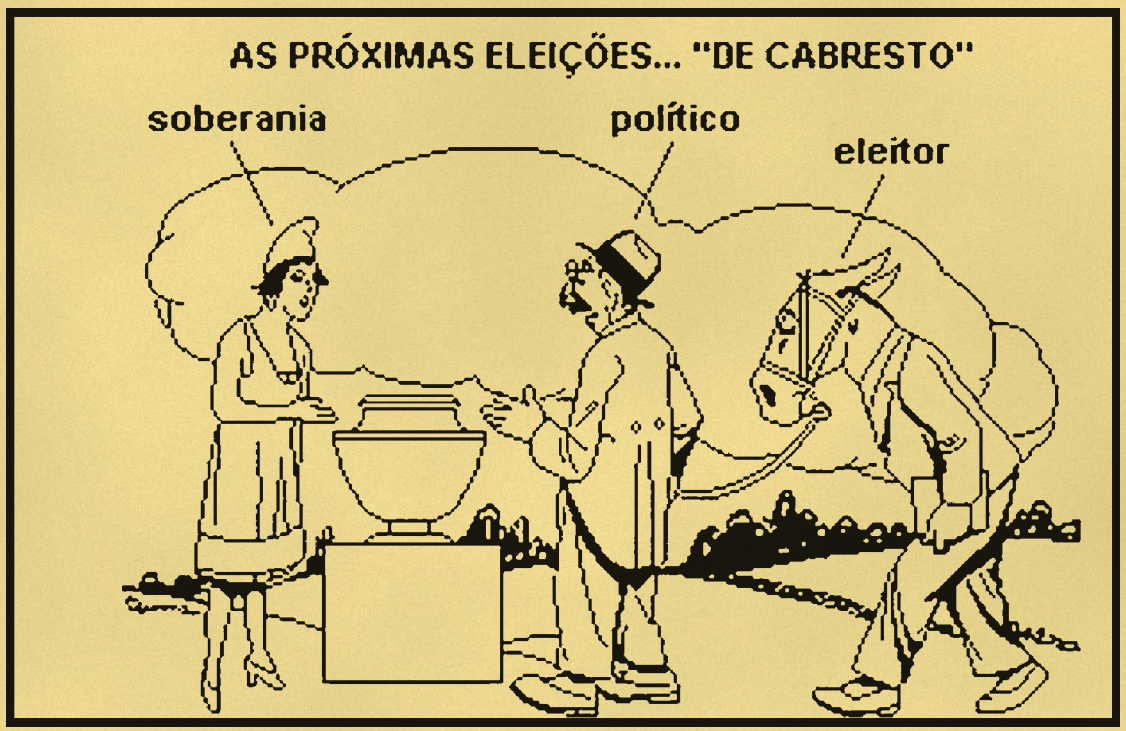
LITERATURA DE CORDEL

REPÚBLICA O CORONELISMO

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

REPÚBLICA DA ESPADA

O sistema eleitoral
existente até então
no império brasileiro
era uma aberração:
menos de meio por cento
tinha participação.

Nas eleições, cada voto
recebia restrição:
não podia ser secreto,
à mulher, proibição,
bem como ao analfabeto
e a todo menor varão.

Em virtude disso é que
a República é premente.
Como o próprio nome diz:
é de eleitor, includente.
Só que o voto não-secreto
o tornará dependente

desse modelo que anula
dele, o individualismo.
Só agrada ao coronel
e ao estatal-dirigismo.
Os dois, beneficiados
pelo tal Coronelismo.
Por isso foi defendido
com unhas, dentes e a Lei,
pois lhe garante o controle
sobre a inculta grei,
do poder, da economia.
Ambos felizes, bem sei.

Na teoria o regime,
gêmeo do coronelismo,

em novembro iniciado
era um liberalismo.
Na prática, entretanto,
não passava de eufemismo.

Ao contrário do implantado
sob a *Luz*, sob euforia,
na América do Norte,
a real democracia.
O Estado brasileiro
se manteve oligarquia.

Oligárquico, porquê
sob interesses gerais,
os grandes proprietários,
os donos dos cafezais,
com a república, apenas
apoiam os generais.

Apoio que se dissipa
quando cobram seu *haver*,
quando chega o seu momento
de assumir o poder.
Sonho antigo, realizado,
que afinal vão exercer

por trinta e seis longos anos
de modo até vacilante.
Pros contrários, muito tempo,
pros coronéis, cintilante
como o passar de um cometa,
pareceu-lhes um instante.

O coronelismo foi,
digo sem medo de errar,
um modelo de governo
pra alguns privilegiar,

como outrora, tendo sempre
a *massa* pra manobrar.

Ela, inculta, carente,
endeusava o benfeitor,
pois assim considerava
o seu *coroné-dotô*.
Tendo riqueza e poder
é carregado em andor.

Coronelismo é herança
da *Guarda* regencial
para manter o controle
do país, daí *Nacional*.
Os grandes proprietários
deram logo o seu aval.

Durante todo o Império
o modelo enraizou.
Com o poder centralizado
ele solidificou.
Mas economicamente,
só uma região lucrou.

Com a expansão da cultura
do café pelo Sudeste,
cresce a aristocracia,
seu poder é inconteste.
Os barões cafeicultores
se impõem sobre o *agreste*.

Com a república implantada
os coronéis fazendeiros
que não produzem café
passam a meros *hospedeiros*
da nova classe e regime
que agora são os primeiros.

A república precisa
de eleitorado maior
para se legitimar,
para mostrar-se melhor.
E então os coronéis
podem sair da pior.

Oligarquias paulistas,
unindo-se às mineiras
arquitetam belo plano
para mantê-las *brejeiras*:
comprar o eleitorado
com as *fechadas porteiras*.

Os coronéis, recebendo
toda ajuda federal
fazem assistencialismo
e um mandonismo brutal.
Reforçam o nepotismo
e garantem o seu *curral*.

A tendência absoluta,
a falta de alteridade
dos oligarcas se mostra
com impetuosidade.
Municípios se transformam
em *feudos*, sem liberdade.

Quanto maior o atraso
maior então a fuzarca
do estado brasileiro.
É mais forte o patriarca.
O poder aí se confunde
com o do clã oligarca.

É importante ressaltar

que a base social
da *pirâmide* começa
no compromisso local,
e os coronéis garantiam
o *alicerce* nacional.

Como os *Nery*, no Amazonas;
o modelo é basilar:
Rosa e Silva em Pernambuco;
Accioli, no Ceará.
os *Murtinho*, em Mato Grosso
e os *Chermont*, no Pará.

O poder é ilimitado
nesse modelo *feudal*,
nele, chefes oligarcas
têm controle sem igual
no nível do município
e até no estadual.

Lembrando que os parentes
desses vetustos senhores
mesmo ignaros, detém,
possuindo ou não valores,
até posto de ministros,
deputados, senadores,...

A luta pelo poder,
pelo apoio federal
no estado ou município,
na disputa eleitoral,
em geral levava os clãs
a um conflito brutal.

Os patriarcas detinham
na planície ou na serra,
com rédea curta, o poder.

Na chamada *sua terra*,
ante a menor ameaça:
eis os *senhores da guerra,*

que comandando jagunços
como grandes batalhões,
armados até os dentes,
intimidavam os sertões.
Só respeitavam as armas
e as próprias ambições.

Uma teia de interesses
de todo tipo: geral,
interligava os poderes
do nível municipal,
passando pelos estados,
fechando no federal.

O partido no Governo:
hegemonia total.
pra manter supremacia
no âmbito federal,
ignora até os desmandos
do chefe municipal.

Estes ainda ganhavam
algo mais doce que o mel:
títulos que davam status,
de *Major* e *Coronel*,
e transformavam seus *feudos*
em verdadeiro quartel.

O coronel, patriarca
- chefe individual -
fazendeiro ou usineiro,
dava as ordens no local,
transformava seus domínios

em verdadeiro *curral*,

que durante as eleições
com seu poder sem igual
indicava aos eleitores
o candidato *ideal*.
Era garantida sempre
a vitória eleitoral.

Em troca da votação,
além de gordo farnel
o governo garantia
verbas para o coronel
melhorar seu município
e reforçar seu *plantel*.

Uma pequena escola,
para ensinar a *letrar*,
uma estradinha aqui,
uma igrejinha acolá.
Sua ascendência e poder
se mantinham no lugar.

Nos estados atrasados,
tudo é sempre muito igual:
o poder é quase sempre
de uma família local.
Nos grandes, é diferente.
o Partido é o principal

meio para harmonizar
rixas individuais,
o poder dos variados
segmentos sociais
que controlam a economia.
Isso une os *desiguais*.

O político Partido
- pródigo em concessões -
Republicano Paulista,
foi forte nas adesões.
Sob seu *manto* habitavam
variadas *facções*

que tinham por objeto
a hegemonia total.
Controlar de modo pleno
o poder, não só local.
Dominar a economia,
controlar o nacional.

Minas Gerais e São Paulo
unem-se nessa missão.
São casos onde essa regra
se encaixa com exatidão.
O Partido unitário
ratifica a união.

O Rio Grande, entretanto,
tenta embolar o plano.
Eram da regra a exceção.
Pica-paus republicanos
e Maragatos sulistas
sopram forte o *minuano*.

Poder do *café-com-leite*
é política brejeira.
Fazem São Paulo e Minas
duas décadas inteiras,
monopolizando a história
política brasileira.

São Paulo, estado mais rico,
Com o café em expansão

tem sólida economia.
Minas, mais população.
Unidos, seus eleitores
garantem a situação.

Campos Sales inicia
como primeiro *vestal.*
É o primeiro paulista
desse acordo eleitoral.
A seguir, Rodrigues Alves
e Afonso Pena. Afinal,

um mineiro no poder,
mostrando a mineira *manha*,
o mandatário central.
Morre porém nessa sanha.

Assume então o *fluminense-paulista*, Nilo Peçanha.

Em novecentos e dez,
Fato excepcional:
uma quebra momentânea

abala o *eixo central*
O poder vai para Hermes
da Fonseca, marechal,

que embora militar,
nessa crise *civilista*,
aproveita uma *fratura*
no acordo governista.
Além do *café-com-leite*,
uma *picanha* sulista.

Ruy Barbosa então se lança
candidato opositor.
Com apoio dos paulistas
parte para o labor.
Porém todo o seu currículo
não lhe impede o dissabor.

Tem apoio dos gaúchos,
do tri-legal *chimarrão*
- *chimangos*, federalistas –
e jornais de oposição.
Da classe média urbana
a estudantes de *plantão*.

O senador da Bahia,
grande nome do *torrão,*
trouxe com suas ideias
uma baita discussão
que foi se desenvolvendo
como o fermento no pão.

Ele já fora ministro
do Marechal Deodoro,
primeiro republicano,
num governo provisório.
Para organizar a casa

usa o poder decisório

que lhe fora outorgado
pelo novo governante.
Implantar novo modelo
pra indústria ser pulsante.
Medidas são decretadas
logo no primeiro instante.

Propõe a implantação
de um industrialismo:
incentivo industrial,
crédito e protecionismo.
Pro país ele pretende
progresso e humanismo.

É percebido, entretanto,
que setores oligarcas
eram contra essa intenção,
preferiam suas *marcas*,
preferem a agricultura
e o café em suas sacas.

Diziam que a indústria
era mera embaladora
de produtos produzidos
pela massa agricultora
e também de outro tanto
da elite criadora.

Sem esquecer, igualmente,
que o controle do eleitor,
rural, em predominância
é parte do seu *fervor*.
O crescer da indústria acaba
com o *curral* do seu *dotô*.

É importante preservar
esse republicanismo
sem entretanto, aderir
a esse positivismo
ou a qualquer ideologia.
Lhes basta o coronelismo.

Ele é o que interessa
pro governo e coronel.
Ele é via de mão dupla.
pros envolvidos, um *céu*.
Menos para o eleitorado,
ele os deixa ao léu.

Wenceslau entra em quatorze,
tem o *Contestado* de frente.
Epitácio em dezenove,
tem no cangote os *tenentes*
que não queriam Bernardes
como novo presidente.

Mesmo contra as previsões
pessimistas de plantão,
Bernardes governa, mas
utiliza a repressão,
Reprimindo as atitudes
vindas da oposição.

Em vinte e seis foi eleito
como novo presidente
o Washington Luiz,
o paulista-macaense.
Sua plataforma afirma:
fazer estrada é urgente!

Ao indicar Júlio Prestes
para sua sucessão,

provoca forte fissura,
fragiliza a associação
entre Minas e São Paulo
e o modelo de plantão.

A então hegemonia
que era puro deleite
e dominava a politica
do café – sem pão - com leite
é contestada por outros
estados. Não há aceite.

Antônio Carlos, se afasta.
Velha *raposa* mineira.
se alia logo a Getúlio
e à gauchada faceira.
De lambujem, João Pessoa
e a *sertãozada* brejeira.

Os tenentes logo chegam
pra engrossar esse *pirão*
político heterogêneo.
também querem seu quinhão.
Em vinte e quatro, Washington
recebe a deposição.

O modelo então vigente:
coronel-oligarquia
terá agora o seu final.
Vargas é o novo *guia*
e o então coronelismo
deixará de ser *franquia*

GLOSSÁRIO

* **República da Espada** porque os dois primeiros presidentes foram militares: **Deodoro da Fonseca** e **Floriano Peixoto**, de 1889 a 1894. Depois começou a

República oligárquica, dos coronéis, do café-com-leite...

* o **PRP –** Partido Republicano **Paulista.**

* **Modelo político-administrativo** da Primeira República, caracterizado pela explícita aliança entre o poder central republicano e os coronéis – fazendeiros – do interior, onde estes garantiam os votos que aqueles desejavam.

* Os **coronéis** com poder garantido pela aliança com o governo federal e amparado ainda pelos exército de jagunços.

* **Major e Coronel**. Patentes da Guarda Nacional, que foram dados a fazendeiros. * **Curral**. Se referia ao domínio absoluto que o coronel possuía sobre os moradores do seu feudo que qual *gado* seguia suas ordens.

* **Pica-paus**: chefiados por **Júlio de Castilho**, presidente do Estado e **Maragatos**, chefiados por **Silveira Martins**. Grupos envolvidos na luta pelo poder no Rio Grande do Sul, de 1893 a 1895.

* **São Paulo – café –** e **Minas Gerais – leite** -, por acordo, indicavam alternadamente os presidentes da República.

*** Campos Sales** – 1898/1902 -, **Francisco Rodrigues Alves** – 1902/ 1906 -, **Afonso Pena** – 1906/1909, faleceu – e **Nilo Peçanha –** 1909/ 1910.

* **Campanha Civilista**: campanha liderada por Rui Barbosa nas eleições presidenciais de 1910, na qual se buscava polarizar a disputa entre um civil e um militar.

* **Ruy de Oliveira Barbosa**, político, jurista, escritor e senador pela Bahia)1849-1923). Ministro da Fazenda de Deodoro da Fonseca (ver *Encilhamento*).

* **Haia, Holanda** (1907). Conferência onde Ruy Barbosa, chefe da delegação brasileira se destacou pela sabedoria e pela fluência em línguas – poliglota. Foi o ***Águia de Haia.***

* O **senador** Ruy Barbosa.

*** Epitácio Pessoa** (1865-1942). Embora do Nordeste, assumiu a presidência em 1919 e governou até 1922.

* **Tenentes**. Ver ***tenentismo.***

* **Bernarde**s. Arthur Bernardes. Presidente de 1922-1926.

* **Wenceslau Braz**. Presidente de 1914-1918.

* Durante o governo de Artur Bernardes o país viveu em constante **estado de sítio**, e onde as liberdades institucionais foram suprimidas em nome da governabilidade e da segurança do Estado.

* **Washington Luís Pereira de Souza** (1870-1957). Foi o último presidente da República Velha (1926-30), afastado neste ano, com a vitória da Revolução de 1930. A **rodovia em questão** foi remodelada e ampliada por Eurico **Dutra,** daí a denominação atual. A Rodovia Rio-Petrópolis foi inaugurada em seu governo, em

1928.



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013